



“Enormes estalactites pendentes de um teto invisível,  
entressachados de mil concreções extremamente várias  
na forma e na cor...”

# A gruta do Inferno

URBANO DUARTE

(A Capistrano de Abreu)

Quem leu na *Viagem ao redor do Brazil* a magnífica descrição desta famosa caverna pela pena do sr. dr. João Severiano da Fonseca, pode muito bem dispensar-se de ingerir a minha prosa que, naturalmente por modéstia, averbarei de chilra, chicha e chué (apoiados e não apoiados, o orador cora e descora simultaneamente).

Mas não me estorva que ilustres escritores hajam entornado sobre a gruta os borbotões de seus adjetivos e a tropa garrida dos seus tropos de barbicacho e pluma; porque na fase literária que transpomos, tudo é questão de *ponto de vista*.

O famoso *ponto de vista*!

Conheces tu, leitor malévolo, o excelentíssimo senhor *ponto de vista*? O irmão colaço da senhora Evolução, primo das Influências mesológicas, filosóficas, etnológicas, antropológicas, confrade da Observação, da Experimentação, da Orientação, e parente de todo esse palavreado ribombante ora em moda, cujo alcance não é abrangido, ou simplesmente lobrigado, pela centésima parte dos que o praticam?

Crônica publicada na *Gazeta Literária*, Rio de Janeiro. Urbano Duarte (1855-1902) é o fundador da Cadeira 12 da ABL.

Se ainda o não conheces, leitor papalvo, eu vou ter a honra de to apresentar.

O ponto de vista é o almiré pelo qual os nossos pseudocríticos cotejam as pseudo-obras literárias que os nossos pseudo-autores apresentam a seus pseudojuízos.

O branco é preto e o amarelo é roxo, segundo o ponto de vista de onde os olharmos. Perspectiva aérea. O burro é doutor e o doutor é burro... *idem, eadem, idem*. A questão é achar-se o observador no ponto de vista que lhe desenhe o recorte das orelhas.

Os conceitos mais divergentes e encontrados congraçam-se mediante os bons ofícios do *ponto de vista*.

Inquirimos de um aristarco de arribação qual o conceito que forma de certo livro de tal literato. Ele contrai levemente os supercúlios, compõe *ad hoc* a catadura de ciência infusa e contesta-nos:

– Homem, conforme o ponto de vista. O livro é bom e é mau. O autor revela muita erudição, conhecimento profundo da matéria e de suas correlatas. É mesmo enciclopédico, e por esse lado o admiro. Mas as suas idéias religiosas, morais e políticas são por demais acanhadas e perras. Quando emite alguma coisa de sua própria lavra, é sempre sandice, estupidez. Deste ponto de vista o detesto.

Ora eis aí. De um ponto de vista é enciclopédico, do outro denota estupidez...

Conciliando-os, temos que o tal literato é de uma estupidez enciclopédica, com música do futuro.

Pontos de vista!



*Revenons à nos moutons.*

A gruta do Inferno demora cerca de dois quilômetros do forte de Coimbra, margem direita do rio Paraguai, província de Mato Grosso.

O forte de Coimbra, que se tornou notável pela heróica resistência oposta aos paraguaios em 1864, dista proximamente 50 léguas de qualquer habitação humana e constitui uma rival de Angola. Aí estive eu durante dois meses, e só de tal lembrar-me horripilam-se-me as carnes e o cabelo.

Imagina tu, leitor bisbórria, um sujeito acostumado a papaguear literatura nos cenáculos dos botequins ouvidorianos, ao qual meia dúzia de amigos lograram persuadir, entre dois chopes, ser ele um dos futuros pilares da literatura nacional (fugiu há muitos anos, protesta-se contra quem a tiver acoutado), e que súbito é transportado, com todo o arsenal do seu *belo talento, organização literária, brilhante ornamento, geração nova* e quejandas placas que entre nós costumam pregar às costas dos rapazelhos inofensivos cuja audácia chegou a ponto de acordarem um verbo com o seu sujeito, é transportado, digo, para as brenhas primitivas onde as escolas literárias são representadas pelo rugir do tigre, pelo silvo das cobras, pelo coaxar das rãs, pelo mugir dos bois, pela melopéia incessante das muriçocas e pelo lôbrego rosnar saído das fauces escancaradas dos enormes jacarés aqueitando ao sol...

Não sei de medo como o conte. Deixei de fazer testamento pela simples razão de não haver o que testar. Mas certo que durante a minha iniciação, nesta monstruosa sinfonia da bruta natureza, cuidei não escapar dos dentes de uma jararacuçu ou das garras de um tigre.

Quantas vezes não me sonhei agarrado, escalavrado, esfolado, trincado, chupado, dilacerado, ingerido, deglutido, digerido e expelido por algum tigre faminto de carne humana e de literatura fluminense?

Se entendes ser indecorosa esta confissão de covardia, leitor de uma figa, experimenta e depois conta-me o caso.

*N.B.* O leitor terá notado que o vou tratando com somenos consideração e sem as adulações de estilo e do estilo. Mas queira ter a bondade de não se amuar, porque se o invicto de malévolo, bisbórria, figa, faça-o tão-somente sob o *ponto de vista* literário. Além disso, premuno-me assim sobre o bom ou mau conceito que ele fizer da minha prosa. Se a julgar pífia, fala por vingança e despei-

to; se a reputar sofrível, isso reverterá *ad majorem gloriam mei*, apesar dos doestos com que o mimoseio.



A gruta, vulgarmente chamada *Buraco Soturno*, fica à meia encosta do morro cuja face anterior é ocupada pelo forte.

Desejava ardentemente visitá-la e para isso organizei piquenique de vinte pessoas, inclusive os práticos do lugar. Sobravam-me ânimo e bela disposição para penetrá-la e devassá-la..., mas no momento em que enfrentei com o medonho ádito do antro, cujo anfractuoso peristilo serve de covil às feras da circunvizinhança, gelou-se-me o sangue nas veias, vidrou-se-me o olhar, esbarrei estatelado, não fiquei homem não mas mudo e quedo e junto de um penedo. Dilataram-se-me os poros da derme e pelas glândulas sudoríparas esvaiu-se, como que por encantamento, toda a coragem de que... quisera revestir-me. Há minutos que são miniaturas da eternidade. Durante a crise pavorosa que experimentei, creio até me veio à idéia partir a cabeça de encontro a uma rocha, com o fim de escapar às goelas hiantes do monstro, sem comprometer os meus brios de naturalista in *partibus infidelium*.

Agadanhou-me o pressentimento terrível, estranho, inexplicável, de ser ali o meu túmulo; e pareceu-me ver escrito no pórtico do tétrico hipogeu o famoso terceto do inferno dantesco, que começa:

“Per me si va nella città dolente.”

Afinal me renasceu a coragem, mostrei que era homem e investi resolutamente... depois que vi dez pessoas adiante.

A escadaria informe, de trinta metros de altura, em ângulo agudo, que dá ingresso ao subterrâneo, acha-se isolada das paredes e ladeada de negros abismos de fundo invisível.

À meia altura, convém transpor uma abertura de rocha de singular configuração... Imita muito uma... não sei que metáfora usar... (o decoro!... o pudor li-

terário!...) enfim, semelha certa região montanhosa que se encontra no mapa anatômico de uma mulher velha, entre o calcanhar e a nuca.

Cuido que esta perífrase servirá de *fichu*.

Pelo centro dessa região, forca caudina dos excursionistas, enfiamos todos.

A descida é difícil e perigosa. O instinto de conservação põe em exercício todos os mais intrincados problemas da estática e da dinâmica. É curioso de ver-se aquela cambada de gente, cada qual de vela à mão, de pé, sentados, acordados, torcidos, retorcidos, de gatinhas, sentados, deitados, de frente, de perfil, de costas, em todas as atitudes imagináveis, mantendo-se em equilíbrios incompreensíveis, o centro de gravidade caindo às vezes sobre a unha do polegar do pé, prova dos recursos infinitos da musculatura humana.

Embaixo estava eu literalmente escalavrado, corpo e roupa.

Chegados ao primeiro salão, acenderam-se quatro lanternas furta-fogo, e ao projetar-se a sua luz sobre o ambiente, desdobrou-se-nos aos olhos um espetáculo de mais esplendente magnificência.

Enormes estalactites pendentes de um teto invisível, entressachados de mil concreções extremamente várias na forma e na cor, polifurcando-se em volutas de um capricho mais fantasioso e pitoresco que os desvairamentos de um artista mourisco, correspondiam-se com outras tantas estalagmites quiçá mais estranhas na configuração, imitando coxins, dosséis, trechos de casa, brocados, pavilhões, quiosques, capelas.

Durante alguns segundos reinou silêncio tumular; então a surpresa tornou-se em admiração.

A luz insinuando-se por entre as rochas, derramando-se e fragmentando-se por aí além, esbatia-se suavemente sobre cúpula altíssima e dava-nos a contemplação de uma magnífica aurora boreal de nuvens petrificadas.

Mas a admiração tocou ao êxtase quando vimos a Natureza em flagrante delito da sua gestação vinte vezes secular.

As extremidades inferiores das estalactites marejavam gota a gota, com intervalos regulares, a água calcária de um cristalino inupto, geradora das concreções.

Nas delgadas agulhas pétreas surge um ponto líquido e brilhante; a pouco e pouco avoluma-se em calota esférica, depois em esferóide, e afinal, faltando-lhe a suficiente coesão para equilibrar o peso, desagrega-se, cai e vai gerar as estalagmites com os sais que ainda traz em dissolução.

Refletindo o clarão cambiante das luzes, ao cair, esta chuva de ouro produz o mais deslumbrante efeito.

Dos tão falados concertos da Natureza, eu já tinha ouvido a música dos reinos animal e vegetal, mas só então escutei a sinfonia do reino mineral.

A chuva ao tombar produz um som metálico mas melodioso, seco mas sonoro, sonoro mas sem eco.

Não sei instrumento para o comparar. Os timbres são idênticos, mas as alturas variam, de sorte que seria curiosíssimo fenômeno acústico uma escala cromática de tão singular orquestra.

A poesia da caverna sombria embevecia-me o espírito, ao passo que à mente me acudiam idéias repassadas de filosofia à Volney.

– Esta gruta, pensava eu, é provavelmente contemporânea dos faraós, talvez mesmo fosse habitação dos trogloditas quaternários, e até dos gibões, gorilas e chimpanzés, nossos quadrumanos e ilustres avoengos. É possível que nesta sala discutissem eles a política macacal, a gritos, guinchos e dentadas. *O tempora, o mores!*

Absorvido nessas profundas reflexões, tive uma alucinação. Julguei ver sair do escuro ângulo do antro um medonho chimpanzé, de néveas melenas hirsutas e barba matusalêmica, terroso, desdentado, carcomido, olvidado ali para representar as raças pré-históricas no vale de Josafá. E dirigindo-se-me, disse aos pulos, com trejeitos e momices (fatalidade de raça!) mas com voz solene e cavernosa:

– Pede-me a bênção, porque eu sou o teu quinquagésimo milionésimo avô paterno!

E como eu recusasse, ele deu dois guinchos de cólera, fez uma formidável careta e exclamou:

– Ora eis aí! Cada vez mais malcriados! Depois que perderam o rabo, e inventaram um tal padre eterno, tornaram-se tolinhos! (*pulo*). A que se reduz, afi-

nal de contas, as suas decantadas civilizações? Hein? (*careta*). A três coisas (*guincho*): falarem sobre o que não entendem, comerem quando não têm fome e amarem em todas as estações! (*Pulo, careta e guincho*).

E ia por diante o monstro horrendo a dizer essas coisas, quando se desfez o abuso, porque já os companheiros seguiam e eu me tornava retardatário; o receio de perder-me naquele labirinto chamou-me à realidade.

A passagem para o segundo grande salão fez-se por entre inextricáveis pedregulhos e quem não tiver bastante jeito fica literalmente moído.

A minha camisa já não tinha punhos nem as calças joelhos; as mãos tinham a aspereza de couro cru.

A caverna é vastíssima. Por toda a parte grandes massas calcárias estalactiformes, simulando cascatas e cortinas de amplas dobras.

Em alguns lugares vêem-se depósitos de água de uma transparência perfeita, a ponto de se avistar uma agulha colocada no leito.

No terceiro salão as formações das rochas são mais pequenas, e é nele que têm sido quebradas pelos vândalos inúmeras e lindíssimas pedras. Treva absoluta, ar irrespirável quase. Calculo estar a 500 metros da entrada. Brotam nesses recessos as raízes de uma gameleira que jaz próxima ao pórtico da gruta.

À direita, à esquerda, de todos os lados, lobrigam-se outras tantas grutas em que ninguém se atreve a penetrar, porque num minuto perde-se a orientação e adeus minhas encomendas.

Necessário é que todos se achem sempre reunidos, porque a menor distração pode extraviar o mais atilado.

Foi o que ia acontecendo comigo. Havia vinte velas acesas e achava-me bastante tranqüilo. Enquanto, porém, vou examinar uma rica estalactite, durante vinte segundos de tempo, volto-me e não mais diviso luz alguma. Grito, respondem-me, mas nem eu nem eles sabemos donde partem as vozes, porque a acústica do lugar é wagneriana. Já começava a redigir *in mente* o meu necrológio, quando felizmente fui visto, guiado e reunido aos outros.

Nesse terceiro compartimento foi encontrado há tempos um admirável corpo de jacaré perfeitamente petrificado, monumento arqueológico de

inapreciável valor, mas que infelizmente foi cair às mãos de indivíduos que nenhum valor lhe deram e o perderam.

A gruta do Inferno, mesmo que nela penetrasse a luz solar, seria um verdadeiro labirinto, tal é a sua vastidão e extrema complexidade. No meio da completa obscuridade que lá reina, os práticos, soldados do forte que a têm percorrido inúmeras vezes, só se dirigem pelo tino, quando não trazem um fio condutor.

Ao regresso, mostram sempre hesitação em achar o caminho e orientam-se a custo. Na descida gasta-se uma hora e meia, mas a volta suponho exigir o dobro deste tempo.

É tradição corrente que essa caverna prolonga-se talvez a mais de dois quilômetros, atravessando todo o morro na direção este-noroeste. Mas das pessoas que mais a conhecem, e que estão vivas, ninguém se aventura além de uma antecâmara contígua ao terceiro salão. Dizem haver uma perigosíssima passagem, onde falta o oxigênio suficiente à respiração e à combustão, e falam também num insondável abismo, tão profundo que se não ouve o baque de grossos seixos nele atirados.

PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS  
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

(Fundada em 20 de julho de 1897)

*As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n. 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.*

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Evandro Lins e Silva
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Carlos Heitor Cony
04	Basílio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	Rachel de Queiroz
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Raymundo Faoro
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Sergio Corrêa da Costa
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Antonio Olinto
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Lêdo Ivo
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Celso Furtado
12	França Júnior	Urbano Duarte	Dom Lucas Moreira Neves
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Miguel Reale
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Pe. Fernando Bastos de Ávila
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hipólito da Costa	Sílvio Romero	Affonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Marcos Almir Madeira
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Paulo Coelho
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	Ivo Pitanguy
23	José de Alencar	Machado de Assis	Zélia Gattai Amado
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Sábato Magaldi
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Eduardo Portella
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Oscar Dias Corrêa
29	Martins Pena	Artur Azevedo	Josué Montello
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Nélida Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Geraldo França de Lima
32	Porto-Alegre	Carlos de Laet	Ariano Suassuna
33	Raul Pompéia	Domício da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	João Ubaldo Ribeiro
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	João de Scantimburgo
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Ivan Junqueira
38	Tobias Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Roberto Marinho
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Evaristo de Moraes Filho

COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10.5/16 PT.

